



CRISE



Simone Villas Ferreira
simonevillas@gmail.com

Juiz de Fora - MG

2009

CRISE

*Simone Villas Ferreira*¹
simonevillas@gmail.com

RESUMO: O presente artigo pretende centrar-se na análise ontológica da condição humana: por que é próprio do ser humano estar em crise? Em detrimento de um cardápio variado de possibilidades de explicações para essa condição, escolhemos a análise estética e a antropológica, que darão pistas sobre o porquê o sentido da crise é a sensação de desestrutura, de rompimento, de deslocamento, de suspensão e de não-identidade. Também, faremos uma crítica à postura da filosofia na atualidade, por não mais ser *promotora* de crise em seus leitores.

Palavras-Chave: Crise – Ontologia – Filosofia.

Crise, s. f. (pat) Alteração sobrevinda no curso de uma doença; (fig) conjuntura perigosa; momento decisivo; ataque de nervos; situação política do governo, cuja conservação encontra dificuldades graves; (econ. pol.) ponto de transição entre uma época de prosperidade e outra de depressão, ou vice-versa; (sociol.) situação social decorrente da mudança de padrões culturais e que se resolve na elaboração de novos hábitos por parte do grupo; fase de transição em que, abaladas as tradições antigas, não foram elas substituídas por tradições novas.

Inicialmente, pensava eu que momentos de crise eram passageiros e que, de uma forma ou de outra, falar sobre crise tinha um tanto quanto de peso teórico em detrimento de uma vivência de fato. Ou seja, posso falar de crise de valores, crise familiar, crise das relações a dois e suas múltiplas facetas atuais, crise financeira, crise ecológica, crise social, crise das religiões (se eu me lembrar de mais alguma.). Existem diversas formas de abordar o alcance da crise, seus tentáculos, mas o corpo central, isto é, daquilo que sai suas



Figura 1

¹ Mestra em Filosofia pela UFRJ, professora de filosofia e educação; trabalha, primordialmente, com formação de professores na UFJF.



mais variadas formas – todas externas – diz respeito a um dos fundamentos da condição ontológica de todos nós: quer queiramos ou não, do próprio nascimento em diante já se é uma crise na condição humana, porque, lembrando um pouco de Heráclito e de Spinoza, se o Ser é ilimitadamente dinâmico, estar em fase de transição, isto é, estar em crise é a única constante da vida.

Κρισις (*crisis*) é rompimento, na etimologia grega a qual me refiro – é o clássico exemplo da semente (εσπερμα), que tem que se romper que tem que passar por uma grande transformação, um grande trauma (físico e psicológico!), para, muitas vezes, nem mais se auto-reconhecer. Da sementinha de feijão que plantei no algodão, lá na minha infância distante, nasceu um brotinho, que foi cuidadosamente transportado para a terra. Com a sabedoria que se espera das professoras dos anos iniciais, minha professora disse: “Viram: o feijão se transformou!”. Do lado de cá, na vida, hoje sou capaz de perceber que o feijão teve que deixar de ser ele mesmo, ou o que ele próprio podia dizer de si até então. O feijão teve que se desestruturar, teve que promover uma abertura, um cisma em sua constituição, para nascer o novo de si próprio – não de fora! – que antes era fechada, compacta, ilusoriamente pronta. O broto que saiu é novo e frágil, de estrutura completamente diversa da sua origem – é uma nova possibilidade de ser-no-mundo², uma nova vida. Toda nova vida *tem* que ser enterrada. Não enterramos os *mortos*, mas sim enterramos transformações que ocorreram, enterramos novas vidas. Para ter suporte, para se sustentar como nova possibilidade de ser, o broto, que era feijão, terá que se tornar terra, terá que fincar suas raízes na realidade concreta do mundo. Tal é o sentido da crise: a sensação de desestrutura, de rompimento, de deslocamento, de suspensão e de não-identidade.

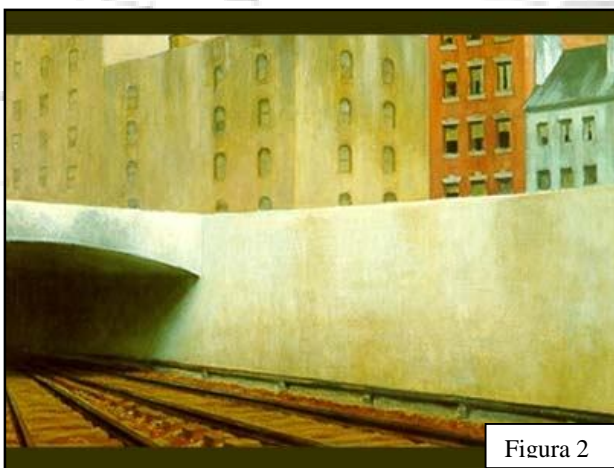


Figura 2

Pronto. Poderia terminar meu artigo aqui. Porém, como havia advertido no início, quer queiramos ou não, o que se fala sobre crise é [ou deve ser] um falar ontológico. Por que é próprio da condição humana estar em crise?

Porque em todo o momento de atividade mental acontece em nós um

² O Ser-no-mundo ou Ser-aí é a tradução portuguesa do termo alemão Dasein, muito usado no contexto filosófico como sinônimo para existência. Martin Heidegger.



duplo fenômeno de percepção: ao mesmo tempo em que temos consciência de um “estado de alma”, temos diante de nós, impressionando-nos, os sentidos que estão virados para o exterior, uma paisagem qualquer, entendendo por paisagem, para conveniência de frases, tudo o que forma o mundo exterior num determinado momento da nossa percepção. Todo o estado de alma, a condição ontológica, é uma passagem, isto é, a condição ontológica é não só representável por uma paisagem, mas verdadeiramente é uma paisagem. Há em nós um espaço interior onde a matéria da nossa vida física se agita. Assim, esteticamente, no jogo das percepções e das impressões – daquilo que já alcança certo grau de compreensão – uma tristeza é um lago

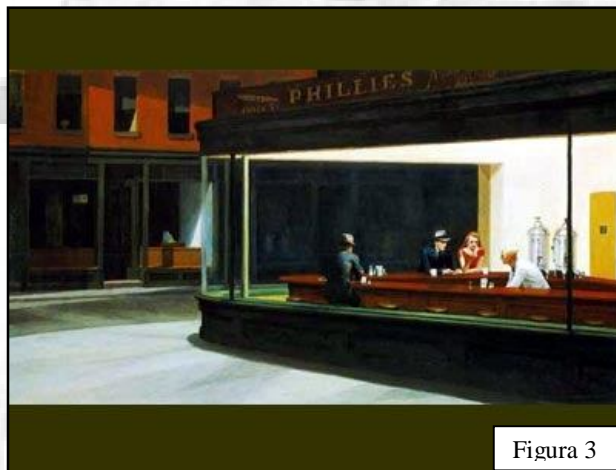


Figura 3

morto dentro de nós, uma alegria um dia de sol. E – mesmo que se não queira admitir que a condição ontológica seja uma paisagem – pode ao menos admitir-se que a condição ontológica se pode representar por uma paisagem. Se eu disser "Há sol nos meus pensamentos", ninguém compreenderá que os meus pensamentos são tristes. Crise é deslocamento.

Então, tendo nós, ao mesmo tempo, consciência do exterior e do nosso eu (admitindo-se que ambos são distintos), e sendo o nosso eu uma paisagem, temos ao mesmo tempo consciência de duas paisagens. Ora, essas paisagens fundem-se, interpenetram-se, de modo que o nosso “estado de alma”, seja ele qual for, sofre um pouco da paisagem que estamos vendo - num dia de sol uma alma triste não pode estar tão triste como num dia de chuva – e, também, a paisagem exterior sofre do nosso eu – é de todos os tempos dizerem, sobretudo em versos, coisas como que "na ausência da amada o sol não brilha", e outras coisas assim. De maneira que a arte que queira representar *bem* a realidade terá de oferecê-la por meio de uma representação simultânea da paisagem interior e da paisagem exterior. Resulta que terá de tentar dar uma interseção de duas paisagens.

Propositamente, as obras que ilustram o presente artigo são de Edward Hopper,³ cuja produção mais relevante estende-se do final da década de 20 até ao final da década de 50

³ Edward Hopper (1882-1967), artista plástico norte americano nascido em Nyack, articulou sua trajetória artística por meio de suas misteriosas representações realistas da solidão humana na contemporaneidade.



do século XX – entendido dentro da escola realista imaginativa da *Ash-can School*,⁴ da arte individualista. Hopper não pinta paisagens urbanas; pinta a solidão urbana e a estagnação do homem, o que causa no observador um impacto psicológico, um conflito imediato entre a clareza da realidade exterior e da leitura que podemos fazer apesar de o que os olhos vêem em suas obras. O tema das pinturas de Hopper são sim as paisagens urbanas, porém desertas, melancólicas e iluminadas por uma luz estranha. Os edifícios, geralmente enormes e vazios, assumem um aspecto inquietante e a cena parece ser dominada por um silêncio perturbador de figuras anônimas que jamais se comunicam. Hopper sofreu forte impacto dos estudos psicológicos de Freud e da teoria intuicionista de Bergson, que buscavam a compreensão subjetiva do homem e de seus problemas, o que traz à sua obra uma forte semelhança com a pintura metafísica.

Outra maneira, além da estética, de se pensar a crise é a antropológica. Como podemos definir quem é o Homem (*ανθρωπος*)? Defini-lo é tão complexo porque é extenso e, ao se fazer umas poucas escolhas teóricas deixam-se outras tantas que também dizem sobre quem é esse Homem. E se o Homem for ninguém? É intolerável ser ninguém! A mente procura, deseja, sonha entra em conflito, prepara-se, trabalha, busca *ser* alguém. Estamos em um universo de definições, desde a mais remota história do conhecimento. Entretanto, a busca por *ser* alguém, por ambientes que nos definem, sendo assim, *tranqüiliza* sobre como-quando-e-porque devemos ser desta ou daquela maneira não eliminam a crise, mas sim a sustentam. Para efeito de provocação, vou contar uma das mais belas anedotas do zen.

Bankei⁵ é um dos mestres supremos, mas também era um homem comum. Certa vez, Bankei estava trabalhando em seu jardim. Um jovem que estava à procura de um mestre se aproximou e perguntou a Bankei: “Jardineiro, onde está o mestre?” Bankei riu e disse a ele: “Espere. Atravesse a porta, lá dentro você encontrará o mestre.” Então o homem deu a volta e entrou. Encontrou Bankei sentado em um trono, o mesmo homem que ele havia visto cuidando do jardim. O jovem disse: “Você está brincando? Saia desse trono, isso é sacrilégio! Você não possui respeito pelo mestre.” Bankei saiu do trono, sentou-se no chão e disse: “assim você torna as coisas difíceis. Agora você não irá encontrar o mestre aqui, porque eu sou o mestre.”

⁴ Hopper foi um dos principais integrantes da *Ash-can School*, que surgiu em 1908 e durou até a Primeira Guerra Mundial. A maioria dos membros da *Ash-can School* veio do grupo *The Eight*. Alunos de Robert Henri, da Filadélfia, e por influência de seu mestre, observavam a vida urbana contemporânea e tinham em comum o fato de serem artistas-repórteres.

⁵ Bankei Yōtaku (1622-1693), mestre budista, praticava seus ensinamentos por meio de anedotas do zen budismo. O Zen é um ramo da tradição budista e baseia-se fundamentalmente nos ensinamentos de Siddhartha Gautama.



Como um grande mestre poderia trabalhar no jardim, como podia ser uma pessoa comum? Todos nós temos medo de ser ninguém. Um ninguém não é um fenômeno comum, é uma das grandes experiências da vida:

o fato de que você *é*, mas ainda assim *não é*. Uma existência sem nome, sem endereço, sem fronteiras, sem pecador, sem santo, sem inferior, sem superior, apenas um silêncio. Temos medo disso porque toda nossa personalidade terá então desaparecido. Nome, fama, respeitabilidade, tudo isso terá desaparecido, daí o medo.

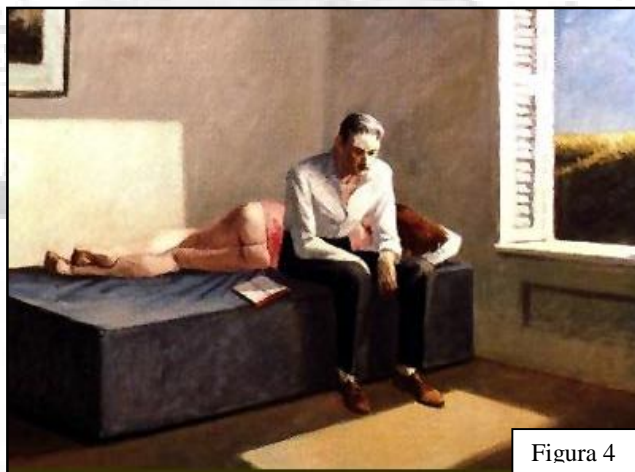


Figura 4

Mas a morte irá levá-las de qualquer forma. Então, aqueles que são sensatos permitem que essas coisas se vão por conta própria. Daí não haverá mais nada para a morte levar, ou seja, a morte não pode matar um ninguém. Como havia dito anteriormente, não enterramos os *mortos*, mas sim enterramos transformações que ocorreram, enterramos novas vidas; enterramos variados *ser-alguém* durante nossa vida. Crise é também o fato do reconhecimento das situações de suspensão e de não-identidade.

Qual é o Oposto de Crise?

No sentido existencial, *crise* é um substantivo que possui antônimo? Poderíamos afirmar, com precisão, que *crise* é o oposto de *sucesso*, de *felicidade*, de *harmonia* ou de *paz*, por exemplo?

Vamos à Filosofia: Ludwig Wittgenstein sustenta que todos ou, pelo menos, a maioria dos problemas da Filosofia nascem do fato de os filósofos terem usado mal alguns termos decisivos, como "saber", "ver", "livre", "verdadeiro" e "razão". Foi porque os filósofos se afastaram do uso ou usos comuns desses termos, sem os substituir por algo inteligível, que acabaram por cair em enigmas insolúveis sobre se podemos saber o que outras pessoas estão pensando ou sentindo; se realmente vemos, de modo direto, qualquer objeto físico; se agimos sempre livremente; se temos sempre alguma razão para supor que as coisas acontecerão de uma maneira ou de outra no futuro. Segundo Wittgenstein, o papel do filósofo que chegou a essa conclusão é o papel de um terapeuta; sua tarefa consiste em remover as "limitações



conceituais” em que caímos.

Há os que, ao contrário, sustentam que o problema decorre do fato de ser a própria linguagem vulgar inadequada para fins filosóficos, em vista de sua indefinição, ambigüidade, caráter vago e inexplicito, dependência do contexto e de sua natureza propícia a interpretações ilusórias ou equívocas. Filósofos, como Leibniz, Russell e Carnap, consideram ser sua tarefa a construção de uma linguagem artificial ou, pelo menos, a delimitação de uma linguagem tal em que esses efeitos sejam remediados. Como acentuamos antes, esse empreendimento é, por vezes, estimulado pela convicção de que é possível, pela estrutura dessa linguagem, entender todos os fatos sobre a estrutura metafísica da realidade.

Decorre daí que a realidade de *crise* evoca uma percepção negativa e, portanto, digna de ser eliminada ou superada o quanto antes. Isso quer dizer que quando finalmente atingirmos o sucesso (o ser-alguém), finalmente o homem terá superado a crise, porque seremos premiados com a felicidade. É mais ou menos assim um perverso valor que vai sendo repassado a gerações em nossa cultura. E, imerso nessa perversidade, nessa inversão, certamente você já viu a seguinte cena em sua vida: tudo aquilo que fez resulta em fracasso (entendido como oposto de sucesso). Você ainda não conseguiu entender o que está acontecendo – você acredita que não fez as coisas da forma correta e por isso fracassou. Então, tenta outro projeto e fracassa novamente. Nessa hora você pensa que suas habilidades não são boas o bastante e parte para aumentar suas habilidades, mas irá fracassar de novo. Sendo assim, você pensa: “O mundo está contra mim”, “O destino está contra mim”, ou ainda, “Sou vítima da inveja dos outros”. Você continuará encontrando explicações para seus fracassos, mas nunca irá



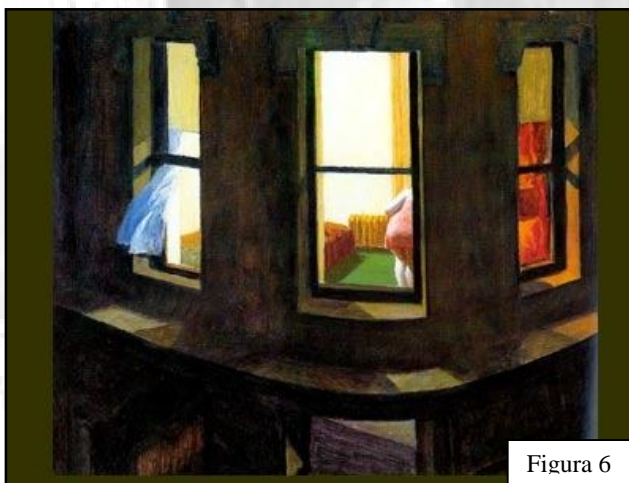
Figura 5

compreender os motivos reais. Sua busca é externa e sempre ditada por definições já prontas, por enquadramentos; nunca se leva em consideração a ilimitação de possibilidades de ser: o movimento.

Então, afirmo que o oposto de *crise* é *estagnação*.



Voltemos à Filosofia: nos Diálogos de Platão, Sócrates é representado como se passasse a maior parte do tempo fazendo perguntas como "O que é justiça?" e "O que é sabedoria?" As obras de Aristóteles foram dedicadas, em grande parte, a tentativas para chegar à definição adequada de termos como "causa", "bem", "movimento" e "conhecimento". Tradicionalmente, tem-se considerado que, por mais importante que seja essa atividade, é ainda preliminar às tarefas básicas do filósofo - as de chegar a uma concepção adequada da estrutura fundamental do mundo e a um adequado conjunto de normas para a conduta e organização social humanas. Mas, em nosso tempo, vem-se fixando a convicção de que o método usado na Filosofia, que pode ser sucintamente definido como reflexões de gabinete, sem a suplementação de observações ou experimentações especiais, não é realmente suficiente para produzir quaisquer conclusões substantivas sobre a natureza do mundo ou as condições em que a vida é bem ou mal vivida; e de que o que *está* apto a produzir é a clareza no tocante aos conceitos básicos em cujos termos pensamos no mundo e na vida



humana. Assim, a filosofia na atualidade (do pós II Guerra Mundial até os dias atuais) promove estruturas conceituais muito bem articuladas e competentemente argumentadas, mas sem que seu leitor seja estimulado à desestruturação, à crise. É o novo *Contrato rousseauiano*: organizaremos-nos a partir do acordo tácito do “não nos incomodemos uns aos outros”, ou, como diria minha saudosa avó materna, “deixa do jeito que está pra ver como é que fica.”

Mas, para nossa sorte, qualquer dia desses; você *entrará* em crise... E vai descobrir que não iremos nos tornar algo: nós já somos algo. Sei muito bem que na prática a teoria é outra. Vale lembrar, portanto, que quem está aqui e acabou de escrever essas linhas tem muitas dificuldades, é temperamental, tem um gênio "do cão", magoa e magoa-se muitas vezes, mas está lutando para aparar a arestas. Estou em movimento.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **Aristóteles**. Os pensadores. 2. ed. São Paulo: Cultural, 1978.
- CARNAP, Rudolf. **Introduction to Semantics**. Harvard Uni. Press. s/d.
- DUROZOI, Gerard. **Dicionário de filosofia**. 4. ed. São Paulo: Papirus, 2002.
- ESPINOSA. **Espinosa**. Os pensadores. 2. ed. São Paulo: Cultural, 1978.
- HEIDEGGER, Martin. **Martin Heidegger**. Os pensadores. 2. ed. São Paulo: Cultural, 1978.
- HERÁCLITO. **Os pré-socráticos**. Os pensadores. 2. ed. São Paulo: Cultural, 1978.
- HOPPER, Edward. **Edward hopper**. Disponível em: <http://www.hopper.com.br/index.htm>. Acesso em: 19/08/2009.
- _____. **Quarto de hotel** - 1931. Disponível em: <http://www.hopper.com.br/index.htm>. Acesso em: 19/08/2009. (Imagem - Marca D'água).
- _____. **Sol da Manhã** - 1952. Disponível em: <http://www.hopper.art.com>. Acesso em: 09/07/2009. (Figura 1)
- _____. **Chegada à cidade** - 1946. Disponível em: <http://www.hopper.art.com>. Acesso em: 12/07/2009. (Figura 2)
- _____. **Aves da noite** - 1942. Disponível em: <http://www.hopper.art.com>. Acesso em: 12/07/2009. (Figura 3)
- _____. **Excursão filosófica** - 1959. Disponível em: <http://www.hopper.art.com>. Acesso em: 19/07/2009. (Figura 4)
- _____. **Quarto em Nova Iorque** - 1932. Disponível em: <http://www.hopper.art.com>. Acesso em: 25/07/2009. (Figura 5)
- _____. **Janelas da noite** - 1927. Disponível em: <http://www.hopper.art.com>. Acesso em: 29/07/2009. (Figura 6)
- LEIBNIZ, Gottfried. **Leibniz**. São Paulo: Cultural, 2004.
- PLATÃO. **Platão**. Os pensadores. 2. ed. São Paulo: Cultural, 1978.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Do contrato social**. São Paulo: Cultural, 1978.
- RUSSELL, Bertrand. **Bertrand Russell**. Os pensadores. 2. ed. São Paulo: Cultural, 1978.
- WATTS, Alan W. **O espírito do Zen**. Trad. Murillo Nunes de Azevedo. São Paulo, Cultrix, 1988.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. **Gramática filosófica**. São Paulo: Loyola, 2003.